

INTRODUÇÃO

O grupo de Teatro «Os Bonecreiros» surgiu nos fins do ano 1971 como grupo independente que fora dos circuitos normais de exibição tenta pôr em prática de maneira exemplar e digna, uma das formas de expressão artística de todos os tempos: O TEATRO.

Os problemas de ordem cultural em Espinho-cidade de província (ou seja afastada do único centro de irradiação de manifestações culturais neste país — a capital) têm estado sempre presentes nas linhas de HOJE.

Do teatro que «Os Bonecreiros» praticam, disse Urbano Tavares Rodrigues: — «É o momento de o levar à província, onde cremos que o êxito será grande. Aí haverá quem pouco ou nada tenha ouvido falar de teatro, mas que irá à festa e gostará».

Na próxima segunda-feira, dia 11, «Os Bonecreiros» representam em Espinho a «Comédia Moscheta».

A conjugação de tudo parece-nos justificar que este número seja dedicado ao tema «Os Bonecreiros» e problemas do teatro em Espinho. E também, que aqui deixemos um convite para os nossos leitores: «Vamos à festa!»

“OS BONECREIROS”

1 — QUEM SÃO

Eis, por ordem alfabética, e resumidamente, os «curriculum vitae» dos actuais «Bonecreiros»:

FERNANDA ALVES — Prémio do Conservatório Nacional em 1958, fez parte de companhias como a do Teatro Nacional D. Maria II, Experimental do Porto, Teatro Estúdio de Lisboa, Experimental de Cascais, Casa da Comédia, tendo sido sócia do Teatro Moderno de Lisboa, e uma das fundadoras de «Os Bonecreiros». Como encenadora estreou-se em 1966 com a peça de Almeida Garrett, «A Sobrinha do Marquês». Na direcção de grupos amadores, conquista em 1967 o 1.º Prémio de Encenação no Concurso de Arte Dramática, com «Os Velhos Não Devem Namorar», de Alfonso Castela, e em 1968 o 1.º Prémio da Embaixada do Brasil pela encenação de «O Santo e a Porca» de Ariano Suassuna, que depois viria a reencenar para a companhia de A Metrul.

JOSÉ GOMES — Iniciou-se no teatro universitário, primeiro em Coimbra, no CITAC, com António Pedro, e no TEUC com Paulo Quintela, e depois em Lisboa no Grupo no Grupo Cénico da Associação de Estudantes de Direito, onde trabalhou com Luís de Lima e Adolfo Gutkin. Decide-se pela profissionalização ingressando no Grupo de Acção Teatral. É, desde a primeira hora, sócio de «Os Bonecreiros». Fez ainda, no cinema, duas longas metragens, uma delas, se bem que portuguesa, inédita entre nós: «O Nojo aos Cães» de António de Macedo.

MARIA EMÍLIA CORREIA — É a mais recente sócia de «Os Bonecreiros». Estreando-se em 1965 no T.E.P. dirigida por Carlos Avilez, num espectáculo sobre Gil Vicente, passa depois cinco anos em teatro de estudantes. Em 70 volta ao T.E.P. onde trabalha, sucessivamente, com Júlio Castronuovo, Carlos Cabral e Angel Fácio («A Casa de Bernarda Alba»). Em 72 vem para Lisboa onde trabalha com Ribeirinho até ingressar em «A Comuna». Além de actriz escreve para jornais diários, sobretudo, sobre a Mulher.

MÁRIO BARRADAS — É o actual Director da Escola de Teatro do Conservatório Nacional. Formado em advocacia, vai em 1963 para Moçambique, onde funda o Teatro de Amadores de Lourenço Marques, e no qual interpreta e encena autores como Albee, Brecht e O'Casey. Em 1969 parte, como bolsista da F. Calouste Gulbenkian, para Strasbour, para frequentar a «École Supérieur d'Art Dramatique» e na qual virá a ser professor no ano de 71/72. Nos verões de 70 e 71 volta ainda a Moçambique para dirigir no Teatro dos Estudantes de Moçambique peças de Shakespeare e Alberti. Convidado pela Comissão para Reforma do Conservatório dirige em Julho de 72 o exercício final dos alunos com uma montagem intitulada «A Grande Bondade de Cabeza de Vaca».

MÁRIO JACQUES — Começou a sua carreira há 13 anos no T.E.P., com António Pedro, depois de um espectá-

culo amador dirigido por Luís de Lima. Em 63 ausenta-se para o estrangeiro onde frequenta a «École» de Strasbour, e trabalha com alguns dos mais importantes homens de teatro de então: Roger Planchon, Hubert Gignoux, e Georges Wilson. Na Alemanha de Leste assiste a trabalhos de montagem de espectáculos no Berliner Ensemble, companhia de Bertold Brecht. De regresso a Portugal vai trabalhar no Teatro Nacional, no Teatro Estúdio de Lisboa, e nas companhias de Vasco Morgado, até ser um dos fundadores de «Os Bonecreiros» em 1971. No cinema participa ainda em três longas metragens: «Sete Balas para Selma», «O Cerco», «A Caçada do Malhadeiro».

VICENTE GALFO — Estreou-se em 66 na Casa da Comédia, para passar à Companhia de Comediantes de Lisboa, dirigido por Ribeirinho. Em 1967 ausenta-se para Espanha, onde desempenhará vários filmes, particularmente «Heros», de Carlos Saura, onde é protagonista. De volta a Portugal, frequenta em 69 o curso do belga Tone Brulin. No ano seguinte ingressa no Grupo de Acção Teatral. Em 71 é dos primeiros sócios de «Os Bonecreiros», onde além de actor ocupará o cargo de cenógrafo e figurinista. Como cenógrafo tem, de resto, vários trabalhos executados para companhias de Vasco Morgado, e grupos amadores. No cinema português participou ainda em filme de António Macedo, Fonseca e Costa, Cunha Teles e Constantino Esteves.

2 — O QUE SÃO

«Os Bonecreiros», Teatro Laboratório de Lisboa, são a primeira companhia portuguesa, formada exclusivamente por profissionais de teatro, a programar e a cumprir um repertório autenticamente popular.

«Além de actores, os elementos do grupo são carpinteiros, electricistas, administradores, funções técnicas que nenhum espectáculo teatral pode prescindir. A constituição de um corpo de técnicos autónomo seria para nós um grande passo em frente, pois são imprescindíveis para uma melhor eficácia na execução dos nossos planos, pois a actual acumulação de funções por parte dos actores dificulta o nosso trabalho».

«É curioso constatar que nos espectáculos que demos para as massas populares e embora os preços fossem baratos, nunca tivemos prejuízos. Daqui se podem tirar ilacções muito importantes».

3 — O QUE PRETENDEM

«Os Bonecreiros» é um grupo marginal relativamente ao teatro predominantemente comercial praticado em Portugal e por outro lado, o compromisso de uma opção conscientemente assumida.

A partir desta última coordenada podemos dizer, em síntese, que buscamos um público que na sua essência não esteja dentro da óptica dos «pro-

(Continua na pág. 6)

“OS BONECREIROS”

Um “Bonecreiro” Espinhense

Entrevista com Maria Emília Correia

O QUE É QUE DETERMINOU A SUA ACTIVIDADE PRESENTE?

Percebi muito cedo que o facto de pertencer a uma família cuja classe social era bastante baixa me traria limitações ao meu crescimento de pessoa. Sem disponibilidades económicas, sem apadrinhamentos nem parentes influentes, eu estava aparentemente destinada (para mais rapariga) a uma profissão mal paga — a costura, o cabeleireiro, empregada de comércio — que me não satisfaria sequer as necessidades de sobrevivência.

Mas o estudo e certa motivação sugerida pelas muitas leituras que sempre fiz, abriram-me novas perspectivas de vida.

Subitamente o meio espinhense, confinado e estreito como eu o sentia, transformou-se num entrave para aquilo que eu pretendia fazer. Ainda muito jovem aluguei um quarto numas águas furtadas da Praça de S. Lázaro, no

comum das perdas e dos lucros. Neles há também a possibilidade de pôr a inteligência em marcha, de criar, de construir e determinar os trabalhos — o espectáculo — e tudo isto junto traz uma visão lúcida do meio em que nos inserimos e de como nos perspectivarmos dele, sobretudo ao nível social.

Trabalhei na «Comuna» nos espectáculos «Para Onde Is?» e «Feliciano e as Batatas» que era uma peça infantil — um trabalho laboratorial, de pesquisa e experimentação, que acabei por não achar muito adequado ao nosso ambiente onde é necessário, para já, um trabalho de informação cultural a estender-se para fora de Lisboa.

Passei então para «Os Bonecreiros» cujo objectivo me parecia mais conforme ao que eu pensava. As directrizes do grupo envolvem a qualidade artística, certo rigor esteticista, de linha brechtiana, e a busca dum público rural e operário, sem acesso a qualquer manifestação cultural.



ACTRIZ PROFISSIONAL, 26 anos, natural de Espinho.

Elemento mais jovem do actual grupo de teatro «independente» OS BONECREIROS, Maria Emília Correia é ainda repórter do programa «Página Um», da Rádio Renascença, e colaboradora efectiva do Suplemento Literário do jornal «República».

Porto, e aprendi que mudar (de casa, de terra, de pessoas, de ideias) me empurrava em frente. Sempre a trabalhar, tirei o curso de Técnica de Contas do Instituto Comercial do Porto e matriculei-me na Faculdade de Economia.

Entretanto viajei, conheci outros países, fiz comparações e alterei a minha atitude face às coisas.

E DA SUA REALIDADE VIVIDA O QUE É QUE RETIROU?

No aspecto vivencial absorvi um máximo de toda a experiência que me foi dado ter. De quanto me sucedeu quotidianamente, dos conhecimentos adquiridos, da luta, das dificuldades, da superação do próprio esforço, já que as coisas não foram assim tão fáceis, ficou-me a força, a persistência, a noção de tática, de renovação, de profundidade, a crítica, certa consciência das situações.

COMO FOI O SEU PROCESSO TEATRAL?

Trabalhei no Teatro Experimental do Porto durante duas épocas. Aí me profissionalizei. Depois da «Casa de Bernarda Alba», de Lorca, decidi-me por Lisboa e no Teatro Villaret estreei «Os Contestatários» ao lado de João Perry e Margarida Mauperrin. Um fracasso. Era a minha primeira experiência em teatro comercial e concluí que ele não me interessava, já pelo ambiente, já por quanto implicava, em planos diversos — uma exploração mercantilista da arte, a deficiência de critérios de escolha de repertório condescendente ao gosto fácil e deformado do público, as irregularidades das minhas condições de trabalhadora face ao empresário, etc. Enveredei então por outro tipo de teatro, o dos grupos independentes que detêm os seus meios de produção, constituindo-se os actores em sociedades artísticas, correndo o risco

Trata-se duma sociedade de actores com responsabilidades que vão de representação, à sonoplastia, montagem, luminotecnica, administração, relações públicas, etc.

E O SEU TRABALHO NA RÁDIO E NO SUPLEMENTO LITERÁRIO DO «REPÚBLICA»?

Acumulo, de facto, com a qualidade de «Bonecreira» outras actividades. Por gosto, por interesse, por apreço dos contactos externos e diferentes que elas me permitem desenvolver.

O QUE É PARA SI HOJE, ESPINHO?

Não sou pessoa de me apegar «afastadamente» às coisas.

Daqui gosto do mar, da claridade da cidade, de algumas pessoas, tanto quanto detesto a «avenida» onde meia cidade se pavoneia queimando as horas na bisbilhote e na observação gratuita, com muito à-vontade (ou não), à laia de gente desenvolta. Um «cosmopolitismo» à moda de província.

Só suporte, de resto, as terras pequenas quando recatadas, isoladas, para fugir ao pesadelo dos grandes centros urbanos, para reflectir e escrever.

A imagem que sempre tenho de Espinho anda ligada à das velhas companheiras de escola, agora mais gordas, felizes no meio dos electrodomésticos, tóuigo para suporte dos penteados do «Manuel», esteriótipos que são do sub-mundo cultural em que vivemos, e os maridos respectivos, claro, mais os «Toyotas», cilindrados que são pela sociedade de consumo, pelo trabalho alienante, a apodrecer no conformismo.

ASSINE...!

Maria Emília Correia — a que rompeu o nome de «filha do Manquinho» e fez dos livros do quiosque um ponto de partida para uma existência marcada pelo uso do raciocínio e o exercício da sensibilidade.

BONECREIROS

O VALOR DO TEATRO

Inquérito nas ruas de ESPINHO

As equipas de HOJE estiveram, mais uma vez, nas ruas centrais de Espinho. A saberem, desta vez, o que pensa o espinhense, do Teatro. Paralelamente, averiguámos: se já tinha visto teatro em Espinho, se conhecia «Os Bonecreiros», se os ia ver.

Interrogámos 50 pessoas: 25 estudantes, 8 professores primários e 17 pessoas de profissões várias: técnicos, empregados de escritório, domésticas, um operário, etc., enfim uma distribuição que traduz bem o tipo de circulação nas ruas de Espinho, ao fim da tarde.

Trinta dos inquiridos eram de Espinho, dos vinte restantes, cerca de metade vivia cá, sendo os outros, em menor número, habitués da cidade.

Apenas dezoito assistiram a espectáculos de teatro cá, em Espinho! Dezoito, também, ouviram já falar de «Os Bonecreiros», desconhecendo-os os restantes trinta e dois.

Todos os inquiridos puseram a hipótese de ir ver o espectáculo dado por «Os Bonecreiros» (talvez, conforme, se puder, se for uma comédia...), mas apenas dois deram a sua certeza. Anotámos ainda que dois dos inquiridos já tinham visto «Os Bonecreiros» aquando da sua actuação em Espinho.

Todos os inquiridos, sem excepção, afirmaram o interesse do Teatro. Disso aqui deixamos alguns registos e ainda a nota simpática de um antigo colaborador da Secção Cultural da A.A.E.

— x —

— UMA AGENTE TÉCNICA DE ENGENHARIA, 32 anos:

Acho que devia haver mais teatro, quer dizer, esses grupos de teatro deviam vir cá mais vezes. Não sei se o público estará preparado para o receber. Nota-se de uma maneira geral uma falta de cultura, mas, pelo menos, vai-se preparando. No aspecto do teatro, os preços também têm muita influência.

— NATIVIDADE BRASILEIRO — PROFESSORA DO ENSINO COMPLEMENTAR, 48 anos:

Penso que aqui em Espinho há uma grande pobreza no que diz respeito ao Teatro. Não há nenhum grupo cénico e, eu mesma, gostava imenso de fazer teatro, mas como aqui não há nenhum grupo onde nos possamos iniciar, somos, com muita pena, forçados a abandonar essa ideia.

— UMA ESTUDANTE, 17 anos:

Aqui em Espinho não se dá muita importância ao teatro; vai-se mais ao cinema, e mesmo assim, não é toda a gente; aparecem muitos filmes de «cowboyadas» e...

— ALVARO PADRÃO, 62 anos:

Gostaria de ver teatro cá em Espinho, mas temos muito pouco. Aqui, as pessoas que gostam muito de teatro vão vê-lo ao Porto, o que fica muito dispendioso e pouca gente tem essa possibilidade. Aqui devia haver uma casa de espectáculos que pudesse trazer cá grupos de teatro, com bom teatro.

— JOSEFA COSTA, PROFESSORA.

Entendo o teatro, sobretudo, com uma função social e pedagógica muito forte. Para mim, toda a arte deve ter prioritariamente essa função.

— MARIA CELINA SARMENTO, DOMÉSTICA, 41 anos:

Interesse cultural, principalmente, porque uma pessoa adquire muitos conhecimentos a ver teatro; além disso, o teatro em si, os actores, a personalidade de cada um, interessam-me sempre.

— ERPÍDIO CANASTRO, ESTUDANTE, 19 anos:

O teatro tem um interesse fundamental na medida em que as pessoas que nele participam, actores e espectadores têm uma maneira extraordinária de comunicarem uns com os outros, de debaterem assuntos, fazerem críticas, etc., de interesse bastante elevado.

— JOSÉ MANUEL P. SILVA, ESTUDANTE, 17 anos:

O teatro pode ser um meio de cultura dentro de uma sociedade mais ou menos desenvolvida intelectualmente porque nem toda a gente consegue interpretar todos os autores, porque há alguns que são na verdade muito difíceis e portanto depende muito da interpretação que lhes seja dada.

— MI, ESTUDANTE, 19 anos:

O teatro tem um valor capital na evolução da mentalidade das pessoas. Acho que deveria haver muito mais teatro e muito bom e não algum teatro que se encontra por aí.

— BASÍLIO CAMPOS E MATOS, ENGENHEIRO CIVIL, 28 anos:

Teatro é uma coisa que deve existir por muitas razões, e, além de mais, há muitas maneiras de ver teatro e há muitos teatros. Eu, pessoalmente, até sou de opinião que todos devem existir. A todos os níveis de teatro, o teatro pode ser bom, educativo, cultural e verdadeiramente recreativo.

— DR. PEREIRA DA ROCHA, PROFESSOR DO ENSINO TÉCNICO, 36 anos:

O Teatro, cá em Espinho, é, naturalmente, uma das actividades do conjunto das que servem ao preenchimento dos tempos livres, e tenho a impressão que o primeiro problema das pessoas é arranjar tempos livres para preencher. Tem interesse, como em qualquer localidade, porque é uma actividade em que

(Continua na pág. 6)

ANTOLOGIA

APELO À FESTA

Mulheres que estavam à porta olhavam-nos em silêncio. Garotos espreitavam-nos de longe, corriam ao seu encontro. Mas limitavam-se a seguir à distância aquela gente que chegava de noite e não era de Oliveira. Em dada altura, Fabiano arreou o saco no chão:

— Gente, não há tempo a perder. Vou dar uma volta mais o Bento com o tambor. Tu leva a velha e procura falar ao feitor do major. E você, seu Leandro, veja se o homem da loja nos deixa petiscar alguma coisa para a gente pagar depois.

— Fabiano — disse Maria —, não toques o tambor sem saber se o major dá licença.

— Um raio! Quero bem saber! — resmungou Fabiano, desatando o saco e tirando o tambor.

Passou a corda pelo pescoço e rufou de leve. Logo os garotos se aproximaram mais. Aquela caixa, aquele rufar na pele da caixa, tinha um encanto irresistível, fascinava-os. Durante meses e meses nada acontecia no povo que se comparasse a esse misterioso apelo de festa.

— Fabiano! — repetiu a mulher. É melhor falar primeiro ao major.

— Deixe-se disso! — cortou Leandro. Se o tipo não quiser armamos isto no campo.

— O campo também é dele — interrompeu Maria irritada com o ar atrevido do homem. Quer trabalhar às escuras?

— Raio de mulher! — exclamou Fabiano. Se não deixar, não deixa. Vamos a isto.

E, voltado para Bento, que segurava uma grande corneta de barro:

— Assopra-me isso com força.

Atrás deles iam as crianças todas da terra. Mulheres acudiam às janelas, às portas, vinham à rua. «Bonecreiros». Toda a desconfiança tinha desaparecido. «BONECREIROS!»

MARIO DIONÍSIO — Dia cinzento e outros contos
Publicações Europa-América

A MOSQUETA

1 — O TÍTULO

«O título original da comédia é intraduzível. La Moscheta não significa, como à primeira vista poderia parecer, «a mosquinha». O título desda comédia não pretende pois adjectivar qualquer qualidade especial do protagonista feminino. Em prólogo, o autor adianta já uma explicação: «vereis o que aconteceu a um homem de bem por falar mochetto e mudar de língua». Portanto, o sentido de *Mocheta* desdobra-se em: «comédia em que um homem pretende falar bem, procurando moldar o seu dialecto pelas regras da gramática e retórica». Isto acontece na peça durante o segundo acto no qual Ruzzante, disfarçado de estudante procura imitar a linguagem daqueles.

O adjectivo *Mocheta* qualifica, portanto, a linguagem e não a personagem, segundo um processo de substantivar um atributo, muito comum em comediógrafos quinhentistas».

2 — O CONTEÚDO

«A acção decorre em Pádua onde vivem Ruzzante e sua mulher Betia (personagens centrais). Apesar de serem obrigados, no mundo incerto que a cidade oferece, a viver de expedientes, não têm coragem para voltar ao campo. Um compadre de Ruzzante, Menato, no intuito de reconquistar a sua ex-amante, Betia leva aquele a pôr à prova a fidelidade da mulher, por meio dum disfarce: um estudante que fala «mochetto».

O conteúdo de «A Mosqueta» é, portanto, a comédia do camponês que, transplantado para o meio urbano, a que não consegue adaptar-se, emprega, por manha, a linguagem dos cidadãos. Esta linguagem, que Ruzzante vai estropear da maneira mais cómica, é o signo de um mundo falso, estranho ao camponês: macaqueada por Ruzzante numa tentativa de se transformar no personagem de outra comédia, esta linguagem será a fonte de todas as suas desventuras».

Em linhas gerais, Ruzzante descreve as migrações do campesinato para os centros urbanos, amontoando-se nos bairros mais pobres da aglomeração humana, desperdiçando nos meandros duma sobrevivência sem finalidade uma

condição já de si comprometida pelo peso de esmagadoras humilhações físicas e morais; a construção da comédia está articulada sobre os instintos e paixões elementares que ela se afrontam: a fome, necessidade económica, a violência e a satisfação imediata. O que aí se vê é o drama dos camponeses arrastados pelo êxodo rural. O recurso à velhacaria, à mentira, à ilusão, constitui, para estes personagens o processo mais fácil quando tentam salvar a sua dignidade ferida ou justificar aos seus olhos a sua sorte humilhante; e, também, o meio de escaparem a uma realidade que ultrapassa a sua capacidade de «compreensão».

«O Ruzzante da *Mocheta* opõe instintivamente à realidade verdadeira, uma realidade imaginária, na medida em que sabe estar pronto para a receber e acreditar nela antes de mais nada. É a sua maneira de se defender de uma realidade que ultrapassa as suas possibilidades de resistência individual e de retirar a essa realidade qualquer aparência histórica, evitando assim o risco de não mais encontrar o mínimo de equilíbrio necessário à sobrevivência».

3 — O AUTOR

Pode estabelecer-se que Angelo Beolco nasceu em Pádua, não depois de 1946. Posto que filho ilegítimo, foi educado e pertenceu à rica burguesia das cidades italianas de 1500. Amigo e administrador das terras de um grande senhor, Beolco — O Ruzzante — organiza e participa nas representações teatrais oferecidas por aquele no seu palácio, para as quais constitui uma verdadeira companhia permanente.

Persistiu, em toda a sua obra, na criação de um teatro realista, ou seja, na linguagem de Brecht, um teatro que identifica as ideias dominantes como as ideias das classes dominantes, o que leva a crer que tenha desagrado a uns tantos e indisposto muito boa gente.

O cognome artístico que este autor escolheu — O Ruzzante — pode estar também, na base daquele alvitre pois significa em italiano — o brincalhão.

Notas tiradas de um texto de J. Oliveira Barata inserto no programa da peça.

ELABORADO POR:

ANTÓNIO SANTOS
CARLOS MILHEIRO
CARLOS A. SILVA
EUGÉNIA LOUREIRO
FERNANDO VALADAS
FILIPE LIMA
HERMÍNIA NUNES
JORGE CATARINO
JORGE RODRIGUES
NATALIA BRASILEIRO

